

LEITURAS

TENTATIVAS PARA MATAR O

AMOR

— ★ —
GRANDE PRÉMIO
TEATRO PORTUGUÊS 2015
SPAUTORES
TEATRO ABERTO

**MARTA
FIGUEIREDO**

**FICHA ARTÍSTICA
PERSONAGENS E INTÉRPRETES
FICHA TÉCNICA**

4

ENSAIO SOBRE O AMOR

LEVI MARTINS
MARIA MASCARENHAS

6

**MARTA FIGUEIREDO
BIOGRAFIA**

7

QUEM TEM A PALAVRA DEVE APROVEITAR PARA FAZER O BEM

CONVERSA ENTRE MARTA FIGUEIREDO, LEVI MARTINS,
MARIA MASCARENHAS, VERA SAN PAYO DE LEMOS E MARTA DIAS

10

ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS

TEXTOS DE MARTA FIGUEIREDO

12

DECLARAÇÃO DO JÚRI

GRANDE PRÉMIO DE TEATRO PORTUGUÊS

13

ESPECTÁCULO

**ENSAIOS
CENÁRIO
FIGURINOS
BIOGRAFIAS**

De

MARTA FIGUEIREDO

Dramaturgia
e encenação
Levi Martins
Maria Mascarenhas

Cenário
e desenho de luz
Adelino Lourenço

Música
e sonoplastia
André Reis

Vídeo
Eduardo Breda

Figurinos
Dino Alves

PERSONAGENS E INTÉRPRETES

Ana
Cleia Almeida

Jaime
Tomás Alves

Manuel
Eurico Lopes

INTÉRPRETES EM VÍDEO

Ana Cris
André Reis
Célia Caeiro
Francisco Pestana
João Tempera
Marta Dias
Martim Cunha
Sara Cipriano

FICHA TÉCNICA

**DIRECÇÃO TÉCNICA, PRODUÇÃO
E MONTAGEM**
Célia Caeiro

**ASSISTÊNCIA DE ENCENAÇÃO
DIRECÇÃO DE PALCO**
Ana Lopes

VÍDEO MAPPING
Nuno Pereira

MESTRA COSTUREIRA DO TEATRO ABERTO
Irene Cabral

OPERADOR DE LUZ
Marcos Verdades

OPERADOR DE SOM E VÍDEO
Sandro Esperança

**CARPINTARIA E MAQUINARIA DE CENA
CHEFE MAQUINISTA**
Miguel Verdades

MAQUINISTAS
Joaquim Alinho
Manuel Gamito

MONTAGEM DE LUZ, SOM E VÍDEO
Alberto Carvalho
Bruno Dias
Marcos Verdades
Sandro Esperança

GABINETE DE IMPRENSA E COMUNICAÇÃO
Célia Caeiro
Marta Caria

ENSAIO SOBRE O AMOR

LEVI MARTINS
MARIA MASCARENHAS



Domingo à tarde. Depois de assistirmos a um espectáculo na Sala Vermelha, a Vera [San Payo de Lemos] levou-nos de elevador. “O João [Lourenço] vem já”, disse-nos. E deixámos a conversa correr tranquilamente, como costuma acontecer entre nós. A porta do elevador abre-se. Os cumprimentos habituais. Debaixo do braço, um texto. Vinha de um ensaio, o que significa que o detalhe não captou a nossa atenção. Ao sentar-se, no entanto, teve o cuidado de encenar um movimento que tornaria imediatamente claro o que se iria passar em seguida. Pousou com veemência o texto na mesa, empurrando-o depois ligeiramente para nós. Silêncio. Explicou-nos de que se tratava e o motivo por detrás daquele gesto. A Vera, que ia completando o discurso, não escondia um sorriso que certamente era provocado pela forma como tentávamos esconder o nosso nervosismo por entre perguntas improvisadas. Folheámo-lo e percebemos logo, pela mancha, que não era nada convencional. Não parecia aquilo a que habitualmente se dá o nome de peça de teatro (embora, na realidade, já há muito as convenções se tenham esbatido). É provável que a partir deste momento tenhamos ficado relativamente distraídos. Não tinha sido há muito tempo que tínhamos dado início à Companhia Mascarenhas-Martins, pelo que a mera possibilidade de trabalharmos com o Teatro Aberto no nosso segundo ano de actividade surgia a um tempo

como uma enorme responsabilidade e a concretização de um sonho. Não recordamos muitos mais detalhes deste episódio, senão talvez um caminho de regresso a Montijo em que o silêncio era entrecortado por risos nervosos e especulações vãs.

O primeiro confronto com o texto foi exactamente isso, um confronto. Como é que seria possível transformá-lo em espectáculo, tendo em conta que não existiam indicações precisas de tempo e espaço (ou, quando existiam, surgiam em discretas didascálias precedidas por um: “Por exemplo”)? Um desafio arriscado, foi o que nos pareceu nas leituras que fizemos já com a presença do Adelino [Lourenço] e do André [Reis]. Sem eles não teríamos fundado uma companhia e sem eles não faríamos este espectáculo. Como gostamos de desafios, passámos algum tempo a reflectir e chegámos à conclusão de que, pelas características do texto, precisaríamos de encontrar uma forma de o levar à cena em que fosse possível conjugar pensamentos, memórias e acontecimentos. Isto tendo em conta que cada pensamento, memória ou acontecimento vem habitualmente associado a uma sensação ou emoção. Numa fase inicial decidimos logo que o espectáculo integraria teatro, cinema e música, uma vez que o jogo entre as diferentes linguagens permitiria interpretar algumas das passagens do texto de forma distinta – embora se trate sempre do território do

pensamento, é interessante a forma como por exemplo o cinema faz com que pareça que as coisas realmente aconteceram, por oposição ao que é dito ou representado em cena. A partir desta opção começámos a criar grelhas de relação entre os elementos e começámos por montar uma espécie de estúdio na Sala Vermelha para gravar 12 faixas, correspondendo aos 12 capítulos do texto. Em seguida, começámos os ensaios e, em simultâneo, as filmagens, que nos levaram a vários locais – com a Célia [Caeiro] sempre animada e o Eduardo [Breda] em permanente e metódico questionamento –, tendo terminado numa viagem a Santiago de Compostela e à Meda.

De passagem pelo Porto, tivemos tempo para um café com a autora, Marta [Figueiredo], no seu local de trabalho, com vista para dezenas de linhas de caminho de ferro e comboios. Escutámos histórias sobre engenharia, a infância na Meda, mudanças de cidade, de vida, o desejo de continuar a escrever e de lutar para que trabalhemos menos e vivamos melhor. Sentimos que partilhávamos a ideia de que o mundo pode ser melhor, sobretudo se lutarmos para que o quotidiano esteja mais de acordo com os nossos anseios. Trocámos e-mails e falámos por Skype (com a companhia da Marta [Dias] e da Vera) sobre teatro, arte, escrever, política, economia, homens de bem, tempo, trabalho, dinheiro, filhos, ensino, formatação, liberdade. E foi com liberdade e responsabilidade que abordámos as personagens por si criadas: a Ana e o Jaime, que se amam mas não estão juntos e o Manuel, que é amigo da Ana e tem a sua própria história de solidão e amor.

As oscilações de tom contidas no texto levavam-nos da reflexão melancólica à euforia feliz a cada mudança de parágrafo. Basta recordarmos os últimos dias das nossas vidas para percebermos que caminhamos assim mesmo, sem saber bem o que nos reserva o futuro, sobretudo no que se refere ao contacto com os outros. E para tomarmos consciência de que todos somos complexos, cheios de idiosincrasias, contraditórios, hesitantes, decididos.

Assim foi o percurso que nos levou a discutir frase a frase com os nossos actores – e com a Ana [Lopes] sempre atenta ao nosso lado e o Dino [Alves], observador e certo – que agora são também, pelo menos assim o esperamos, nossos amigos. Viajámos juntos, falámos muito e tentámos conhecer-nos o melhor possível – sendo que mesmo nestas condições confortáveis e profissionais (em contraste absoluto com as que tínhamos vivido no ano anterior) apetece dizer que o teatro lucraria de períodos ainda mais longos de preparação e ensaios, condições que talvez para gestores e economistas pareçam absurdas porque só lhes faz sentido o utilitarismo e o lucro. Começámos a amar-nos, parece-nos, em parte porque passámos o tempo a falar de como a vida contemporânea ditava a morte do amor enquanto conceito maior. Tentámos, no meio das nossas vidas frenéticas, praticar aquilo que surge como promessa de uma reflexão que não se fecha. A Ana e o Jaime, na peça e no espectáculo, não acabam juntos. O Manuel e a rapariga muito magra também não. Não acabam juntos? Acabam juntos. Acabam? Não sabemos. Não nos cabe saber. A vida das personagens ficará todas

as noites em suspenso, enquanto a Cleia [Almeida], o Tomás [Alves] e o Eurico [Lopes] forem às suas outras vidas. Enquanto nós e quem for assistir a esta série de encontros e desencontros voltarmos ao quotidiano e vivermos os nossos próprios encontros e desencontros.

O Teatro Aberto propôs à Companhia Mascarenhas-Martins uma co-produção. Uma relação. Uma companhia com mais de 40 anos acolheu uma estrutura recém-nascida e deu-lhe condições para continuar a existir, para se afirmar, experimentar e criar em condições dignas. Um exemplo de generosidade que, infelizmente, nem sempre é seguido por aqueles que deveriam trabalhar para que o teatro e a cultura (no sentido de cultivo do espírito e não de entretenimento torpe) garantam o seu devido lugar na sociedade. Como nos disse a Marta [Figueiredo], talvez a resposta esteja no futuro, naqueles que forem criados para serem mulheres e homens de bem, que deixarem de ver na política uma oportunidade de exercer poder sobre os outros para verem uma oportunidade para assumirem responsabilidade sobre si próprios e os outros. Entretanto continuaremos a assumir a nossa responsabilidade de fazer teatro e criar condições para que outros, como nós, o possam fazer.

MARTA FIGUEIREDO

BIOGRAFIA



É natural da Meda, distrito da Guarda, onde viveu durante os primeiros 15 anos de vida. Em 1994, foi estudar para Viseu, vivendo nesta cidade durante três anos. Com 18 anos, em 1997, rumou à capital para frequentar o curso de Engenharia Civil no Instituto Superior Técnico, que acabou por ser terminado, em 2003, na École National de Ponts et Chaussées, em Paris, ao abrigo do programa Sócrates-Erasmus. Durante a faculdade, em Lisboa, fez parte do GTIST (Grupo de Teatro do Instituto Superior Técnico) onde descobriu a sua verdadeira vocação - a de espectadora! Vive desde 2015 no Porto.

Trabalhou no Instituto da Água, na Cenor Projectos, na Ferbritas/REFER Engineering e é, actualmente, colaboradora da empresa Infraestruturas de Portugal.

Tem um filho de 6 anos e uma filha com quase 2 anos.

Iniciou, em 2010, o projecto *Amor com Altos e Baixos*, com a mãe e as irmãs que fazem maravilhosas “coisinhas” para bebés, e, em 2012, *Manda os teus pais passear*, com uma amiga, uma proposta de leitura e exploração das ruas das cidades para os mais pequenos. Tem escrito alguns contos para ler aos filhos ao longo da vida (*No dia em que o tecto cedeu; Álbum de fotografias; Coração de porco igual ao nosso...*), algumas frases para consumo próprio, quando se consegue sentar no metro, e muitos relatórios e memórias descritivas para consumo de terceiros, sentada ao computador.

As suas principais ocupações são a de se deixar deslumbrar com as surpresas da vida enquanto se queixa de tudo o resto, e a de enviar ideias para o universo, uma é minha, outra é tua, outra é de quem a apanhar.

QUEM TEM A PALAVRA DEVE APROVEITAR PARA FAZER O BEM

CONVERSA ENTRE MARTA FIGUEIREDO, LEVI MARTINS,
MARIA MASCARENHAS, VERA SAN PAYO DE LEMOS E MARTA DIAS

O *desenvolvimento sustentável* é uma parte muito importante do texto, parece um bocado lateral e um tema à parte do amor, mas o que nos pareceu fundamental foi perceber que o amor estava aqui colocado como uma questão política. Gostava que me falasses da forma como tentaste contrastar a nossa sociedade, em que o amor não é muito protagonista, com uma ideia de que, se calhar, poderíamos viver um bocadinho melhor se não andássemos tão armados em parvos uns com os outros.

A relação do desenvolvimento sustentável com o amor, se calhar é uma coisa muito simples: é uma relação má. É má, porque isto do *desenvolvimento sustentável* supõe muita ponderação, muita organização, planeamento, e há uma série de coisas que, no amor, nos apanham fora desse guião, portanto, nós temos que improvisar. Se calhar poderíamos falar de uma espécie de concepções moralmente ou socialmente aceites. A dificuldade resulta de haver regras, umas mais impostas do que outras, esta espécie de guião para a tua vida, que tu podes não querer seguir. Enfim, a brincadeira com a ideia de desenvolvimento sustentável é uma brincadeira também com as palavras, que me interessa muito, porque julgo que frequentemente se usa a palavra

mal, da mesma forma que às vezes em geral se usam demasiadas palavras ocas, vazias. Acho que há pessoas que têm consciência disso e o fazem propositadamente e há outras que não, que estarão convencidas de que estão a dizer coisas [risos]. Acontece-me muitas vezes eu ficar embasbacada, perante alguns discursos que são assim, que não têm nada e que são palavrosos – o que não deixa de ser um exercício interessante e que, se for eloquente, pode ser bonito também. Como devem imaginar, na engenharia, o desenvolvimento sustentável é quase uma aspiração. Se houvesse dez mandamentos para a política, também poderia existir este: “Não vamos usar o *desenvolvimento sustentável* em vão”. [risos] Porque, efectivamente, o conceito é bastante interessante, mas parece-me que ninguém sabe muito bem o que é que *desenvolvimento* ou o que é que *sustentável* querem dizer.

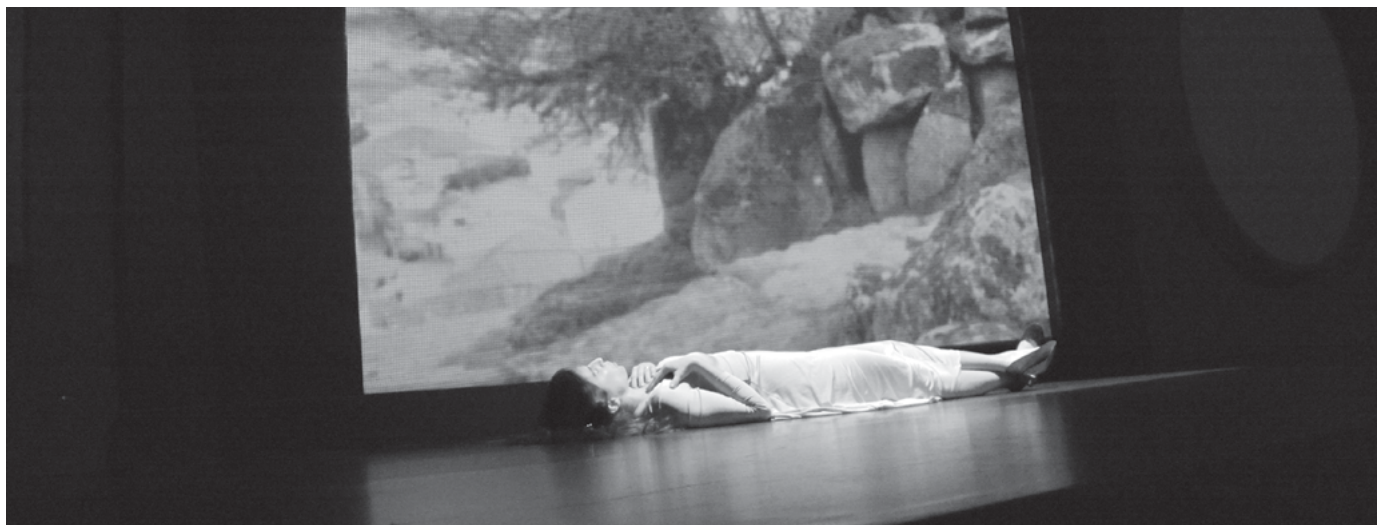
Falaste das regras que nos são impostas na infância. Gostava de te perguntar como começaste a escrever. Porque tu já nos disseste que escreves há muito tempo e que “vais escrevendo umas coisas”. Eu lembro-me que também, na minha infância, escrevia assim umas coisas, nuns cadernos – devem estar todos no lixo – mas

um bocado na sensação também de que precisava de desabafar porque não me adaptava muito bem a essas regras. Gostava de saber como é que começaste a escrever e porquê.

A resposta está intimamente ligada ao texto. Acho que comecei a escrever por duas razões. Uma é porque tenho alguma dificuldade em organizar os meus pensamentos, porque eles são imensos – e eu admiro muito as pessoas que conseguem fechar algumas gavetas e ter um discurso fluido, sem se deixar invadir por todas as outras coisas que vão aparecendo e que vão saltando na nossa mente. Eu tive uma educação cristã, católica-apostólica-romana, andava na catequese e achava, em pequena, que, para efectivamente falar com deus, quando queria fazer as minhas preces, deveria estar hiperconcentrada e não pensar em mais nada – e isso era para mim a tarefa mais difícil! Tudo me suscitava outras ideias! A escolha das palavras para formular a minha conversa fazia-me lembrar outras coisas – como acontece ainda agora hoje! – e então achava este exercício impossível! E depois, quando comecei a crescer, percebi que tinha uma maneira muito boa de organizar o meu discurso, que era: escrever. Se eu escrevesse, conseguia, mais ou menos,

encerrar assuntos ou construir melhor o meu discurso interior. Era mais fácil organizar as ideias. Então, quando eu tinha esta urgência de descodificar as mensagens todas que me chegavam – às vezes era uma notícia que eu via e não percebia bem – eu escrevia! Esta é uma das razões que me fez começar a escrever. Outra razão tem a ver com eu, às vezes, me sentir um *alien*. O que eu acho engraçado é que isto não tem nada de *alien*. Pelo contrário, é a coisa mais normal do mundo: o sentir-me desajustada muitas vezes. Portanto, como eu não sou assim uma pessoa muito extrovertida, a escrita servia para coisas óptimas (para as quais creio que, hoje em dia, os telemóveis servem): por exemplo, estás sozinho e não queres que reparem em ti, então fazes de conta que estás a escrever uma mensagem – é uma espécie de *não olhem para mim agora*. Ou, muitas vezes, usava a escrita para me queixar. Tudo aquilo que eu não conseguia verbalizar, escrevia. A idade mais produtiva deve ter sido a adolescência, porque é também a idade em que tive de sair de casa para estudar, portanto havia muitas horas em que estava sozinha e tinha de me queixar disso. Era uma coisa que me custava horrores. Apesar disto tudo, sempre fui muito caótica, nunca tive um diário direitinho... Tenho pena, se calhar era engraçado ler. Fui sempre escrevendo mas nunca nada organizado.

No outro dia estavas a dizer-nos que te sentes muito engenheira, mas ao mesmo tempo parecias estar entusiasmada com a ideia de continuar a escrever, sobretudo para teatro, na ideia de que há pouca gente a



sistematizar a escrita para teatro. E uma vez que aquilo que escreveste neste texto é muito contemporâneo, muito do hoje, do aqui e do agora, não tens vontade de continuar a escrever? De ser menos engenheira?

Tenho. Tenho, porque uma das coisas pelas quais eu me bato é exactamente pela ideia renascentista de que o Homem não é só uma coisa. Uma das coisas que me custa imenso é: a maior parte das vezes, tu dizes o teu nome, a tua idade e a tua profissão – e isto não diz nada sobre ti, efectivamente! Ou diz muito pouco, porque as pessoas são muito mais do que isso. E a profissão também creio que é uma casualidade como outra qualquer. Nós somos super pequenos quando escolhemos e depois, de uma maneira ou outra, vamos sendo guiados. Por exemplo, eu sou relativamente preguiçosa. Vou sempre pelo lado

mais fácil. Portanto a escolha das minhas disciplinas, logo no 10º ano e no 12º e depois também na faculdade, baseou-se sempre naquilo que era mais fácil para mim fazer. Também sou medrosa, neste aspecto: não lido muito bem com o fracasso, e tenho muitas inseguranças, então, matemática, geometria e física, para mim, era seguro, era simples, muito racional. Lembro-me de muita gente perguntar, porque eu também gostava muito de desenhar e gostava muito de geometria: “Ah, mas não preferes antes arquitectura?” Para mim, ainda hoje, esta ideia de criar uma casa para outra pessoa viver é uma responsabilidade tão monumental! Perguntava-me e pergunto-me: como é que eu poderia fazer uma coisa dessas?! Daí também a minha admiração pelos artistas. As minhas ideias são provadas matematicamente,

na engenharia, e isso para mim é uma tranquilidade. Enquanto que uma coisa que tu concebes, que esteja relacionada com o gosto ou com outra coisa que não é tão evidente, a mim, assusta-me. Por isso é que a engenharia é espectacular! [risos] É muito gratificante para mim, porque me permite traduzir uma determinada realidade em modelos muito controlados e provados e demonstrados, muito lógicos – esta parte da lógica também me fascina. Por outro lado, tenho uma admiração monumental pelos artistas, especialmente pelo teatro, porque de facto são as pessoas que me fazem sentir mais coisas. É incrível. Eu considero um privilégio estar sentada a ver pessoas que estão disponíveis para me fazer sentir coisas que eu nem sei bem descrever mas que eu acho que são momentos de felicidade. Isso fascina--me imenso e, se calhar, há em mim uma vontade de fazer parte desse grupo que eu acho que é especial.

Então foi por isso que te apeteceu escrever para teatro?

Sim, embora esta escrita para teatro tenha sido muito accidental – o ter-se transformado em teatro. Antes desta conversa, fui rever o que eu tinha dito quando recebi o prémio. Nessa altura, disse que tinha muita vontade de me livrar destas coisas que escrevi. Eu escrevo porque preciso de aliviar a cabeça. Mas, depois, quando as coisas estavam no papel, não era suficiente, não estava apaziguada, queria mesmo lançá-las para o universo. E, se calhar, há muitas mais que também querem ser lançadas. Sim, tenho vontade de continuar a escrever. E tenho feito isso.

Também podemos falar sobre a questão relacional que está presente no texto. A Ana e o Jaime andam naqueles encontros e desencontros, por vários motivos, e depois existe aquela alusão às teorias do amor livre. Parece que eles não conseguem encontrar neste mundo, com a presença das regras que parecem impostas desde muito cedo a todos nós, um espaço para viver de uma forma mais livre. Mas se calhar seria possível, se as regras não fossem assim tão estanques. Queres falar-nos sobre esta relação que imaginaste aqui?

Eu não tenho bem a certeza do que penso disso do amor livre. Eu acho que até é um bocadinho antes disso, que é mais simples do que isso. Acho que há uma série de coisas que nos limitam, na relação com as pessoas. Há muitos condicionalismos morais e sociais mas há, essencialmente, problemas de honestidade – o que também tem a ver com as nossas defesas e os nossos medos. A questão que me intriga e que foi um bocado o mote para esse texto é: nós passamos tanto tempo com pessoas, estamos rodeados de multidão mas andamos mais virados para dentro do que para o exterior, andamos mais ocupados com os nossos pensamentos do que com o outro, menos atentos ao que nos rodeia, sem procurar construir ligações. Hoje estamos tanto tempo com muita gente em quem nunca tocamos. Isto faz-me imensa impressão. Ou seja, nós sermos corpos e depois estes corpos gravitem e nunca colidirem, fisicamente, acho isso incrível. Antes de passarmos ao amor livre, há uma série de retracções na maneira como

nós nos relacionamos. Por exemplo, eu tenho um colega de trabalho que é a pessoa mais simpática do mundo. E o que é isso de ser simpático? É uma pessoa que chega ao trabalho e diz com um sorriso aberto: “Espero que tenham um bom dia, hoje!”, que está sempre bem-disposto, é efusivo, toca, se vai falar contigo, põe a mão no ombro, cumprimenta com dois beijinhos. E esta pessoa é considerada, por toda a gente, super excêntrica. Como devem imaginar, eu sou amiga dele, apesar de o meu feitio ser o contrário e preferir que não reparem em mim. Ele não se retrai, é assim, e é simples. Ele não faz isso por razão nenhuma obscura. É a maneira de ele ser e é linear. Em oposição a isto, há imensos colegas que prefeririam ser mais expansivos e não são por uma série de razões e outros que simplesmente acham isto mal, excessivo. No meu entender, anda toda a gente numa tensão muito grande. Eu imagino que seria interessante quebrar isso, para perceber se funcionávamos melhor. Interessa-me muito testar outros modelos de relações e organização em sociedade, já que estes não resultam muito bem. É por isso que acho que o Jaime e a Ana, que têm os seus pontos de vista muito integrados, têm os seus trabalhos, as suas famílias, têm ali uma insatisfação. Quando começamos a ficar muito tensos, ganhamos um certo impermeável a coisas que são fora do nosso mundo e isso é triste. É a coisa mais triste do mundo, nós rodearmos-nos só daquilo que nós achamos que nos convém.

ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS

Marta Figueiredo

ELIAS FANTE – JI RAFA



Caixas de sonhos de Marta Figueiredo, 2010. Fotografias da autora.

Conheço o Ji desde o 7º ano. Éramos da mesma turma. Lembro-me bem do primeiro dia de aulas. A directora de turma a fazer a chamada e a pedir para nos sentarmos por ordem alfabética.

Odiava que nos mandassem sentar por ordem alfabética porque não podia partilhar a mesa com a Ana que ficava sempre lá à frente.

Lembro-me de ter pensado que a professora se tinha enganado quando leu “Ji Rafa, nº 18”, mas como eu era o nº 17 podia já esclarecer o assunto.

— Como é mesmo o teu nome? — perguntei quando me sentei ao lado dele na segunda mesa da terceira fila.

— Ji. — respondeu ele. — Ji Rafa! E acrescentou imperativamente: — Não gozes!

E depois sorriu como que a dizer “podes gozar à vontade, a mim também me diverte”.

Retribuí o sorriso e foi nesse momento que nos tornámos os melhores amigos.

Nos anos seguintes sentámo-nos na mesma mesa e à mesma mesa. Quer fosse por ordem alfabética ou por outra qualquer palavra de ordem, lá andávamos os dois a conversar, a estudar, a passear, a derivar, a militar, a namorar e a partilhar confidências, dúvidas e conselhos. O Ji é assim para o baixote. Gordinho e de perna curta, gosta de comer bem, gosta de se sentar a ler o jornal numa esplanada perto de casa e tem medo das alturas.

Há uns anos encontrou o amor da sua vida e tiveram um bebé!

A semana passada fomos todos passear ao parque!

É lindo! É mesmo lindo o meu afilhado. Encantou-se com um balão em forma de lagarta e, claro, tive de lho comprar. Escusado será dizer que, tal como todos os

balões de hélio que se prezem, depois de cinco minutos nas mãos de uma criança, também este chispou rumo a uma galáxia longínqua. Porém, na sua fuga desajeitada (que o seu corpo de lagarta não permitia melhor) ficou preso no ramo de uma árvore.

Ainda eu não tinha começado a fazer a minha cara de profundo pesar e solidariedade para com o desespero do pequeno, e já estava o Ji a dizer que resolvia o assunto. Comecei a sorrir por dentro. A imagem do Ji, cheio de medo, a trepar à árvore valia bem os quatro euros que gastei com o balão. Agora sim ia começar a diversão.

Para meu espanto, o Ji pegou no filho e começou a crescer, a ficar alto, a ficar magro e alto, muito alto e magrinho, e conseguiu sem grande esforço alcançar a lagarta preguiçosa, de repente muito curta e gorda comparada com a nova estatura do meu amigo.

Fiquei de boca aberta e cabeça caída para trás até que comecei a ouvir:

_ O que há ali atrás daquelas montanhas?

_ Parece-me Espanha, talvez Salamanca.

_ E lá ao fundo aquele edifício alto?

_ Ah, ali é a Torre Eiffel.

E continuaram, pela Europa fora, enquanto a minha estupefacção me deixava sem pinga de sangue, incapaz de articular palavra.

Quando o Ji deu meia volta e propôs “Vamos dizer adeus à Estátua da Liberdade?”, não aguentei mais:

_ Também quero! Deixem-me subir!

Então o Ji disse lá das alturas, sem medo nenhum, ele disse lá das alturas:

_ Não podes! Não consigo fazer isto contigo! Há coisas, coisas mágicas, especiais, talvez até impossíveis, que só os pais conseguem fazer pelos filhos. Eu não consigo fazê-lo por ti.

Amuei. Amuei e ouvi-o dizer:

_ Não fiques triste. Não leves a mal. Custa-te a entender porque ainda não conheces este amor.

Encolhi os ombros e fiquei cá em baixo a vê-los descobrir o mundo. Pai Ji Rafa e filho Ji Figueiredo Rafa vagueando pelos cinco continentes enquanto eu procurava uma cabine telefónica para ligar para casa, para os meus pais.

ELIAS FANTE – JI RAFA

Aqueles dias de Verão, sol quente e brisa do mar, sardinha no pão e salada de pimentos, bola de Berlim com creme e sem creme, só existem em Portugal. E era em Portugal que ele nascera e crescera e agora trabalhava e pagava impostos. E era em Portugal que ele queria continuar a trabalhar, a pagar impostos, a viver e a ser feliz.

Era já com muitas saudades antecipadas que via o seu melhor amigo, Ji Rafa, partir. Deixar para trás, por enquanto, a sua família. A família que escolheu – a sua mulher e o seu filho – e também a família que já cá estava quando ele nasceu – os seus pais, os seus irmãos...

O Ji Rafa que nascera, crescera, trabalhara e pagara impostos em Portugal, tinha agora que deixar o seu país. Para ser feliz.

O Ji Rafa com quem ele tinha aprendido tanta coisa sobre o amor, sobre as pessoas... sobre como é bom gostar das pessoas, grandes e inteiras, ia-se embora.

“Não dá mais. Tenho de ir.”

O Elias Fante a falar-lhe da barraca de gelados na praia, das pessoas felizes no Verão, das sardinhas no pão, de

Portugal, e o Ji, já na porta de embarque com o bilhete (por enquanto só de ida) na mão, a dizer-lhe que saudades dessas coisas já as tinha agora. Saudades já as tinha em Portugal, sentado na praia, a ouvir o pregão “Bolinhas SEM creme ou SEM creme” que uma qualquer directiva interna ou europeia impôs, não fosse o creme desarranjar a barriga a algum turista mais guloso.

BÁRBARA LETA

Engolir pastilhas elásticas. O estômago a colar, a fechar. Não passa nada. Nem sólido, nem líquido. E depois... “No passa nada. No ai problema.” Engoli a pastilha elástica e não aconteceu nada. Porque é que não se podem engolir pastilhas elásticas, afinal? Elas nem chegam ao estômago. Ficam todas penduradas nas costelas, à volta do coração. E tal como a roupa no estendal em dias de vento, embrulham-se umas nas outras e enrolam-se nas cordas, nas costelas-cordas, e a de cor tinge a branca, a de morango misturada com a de mentol, os sabores todos trocados, o coração a querer bater, a querer bombear o sangue. E com as pastilhas estão também penduradas muitas fotografias. Fotografias de todos os sapos que tivemos de engolir e também dos sapos encantados que amámos todos os dias até não haver mais amor para dar. Fotografias de todas as pessoas que nos tocam o coração, ao de leve como uma brisa quente ou como

DECLARAÇÃO DO JÚRI

GRANDE PRÉMIO DE TEATRO PORTUGUÊS

O júri do Grande Prémio de Teatro da Sociedade Portuguesa de Autores e do Teatro Aberto, constituído por Luís Filipe Costa, Rui Mendes e Tiago Torres da Silva, pela Sociedade Portuguesa de Autores, e por Francisco Pestana, Marta Dias e Vera San Payo de Lemos, pelo Teatro Aberto, assim como por João Lourenço, que a ele presidiu, decidiu atribuir o Grande Prémio de Teatro 2015 à obra *Tentativas de matar o amor*, da autoria de Marta Figueiredo.

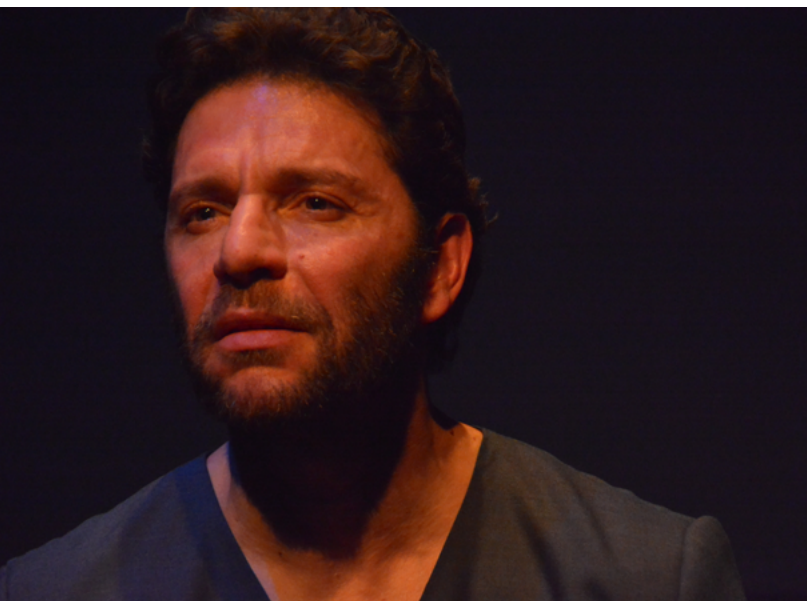
Esta decisão, tomada por unanimidade, levou em conta não só a qualidade da escrita e o domínio da palavra que a autora apresenta, mas também o facto de se tratar de uma peça que inova as convenções da escrita para teatro com uma matéria especialmente estimulante para a criatividade de quem a levar à cena.

O tema da peça premiada é o amor, a possibilidade do amor nos dias de hoje. Respira-se a cidade e a falta de tempo. As personagens, um homem e uma mulher, amam-se e não estão juntos, pensam e falam sobre o amor – mas será que ele é possível? Numa sequência de 12 quadros, centrados ora no homem, ora na mulher, vamos conhecendo as suas vidas e questionando as cidades que construímos, onde parece ser tão difícil encontrar tempo e espaço para o amor.

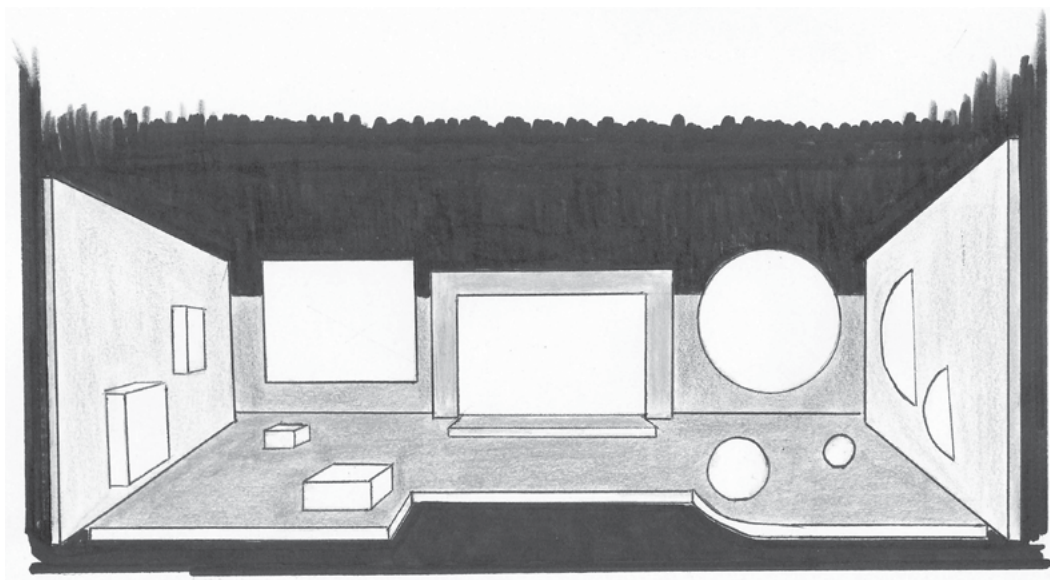
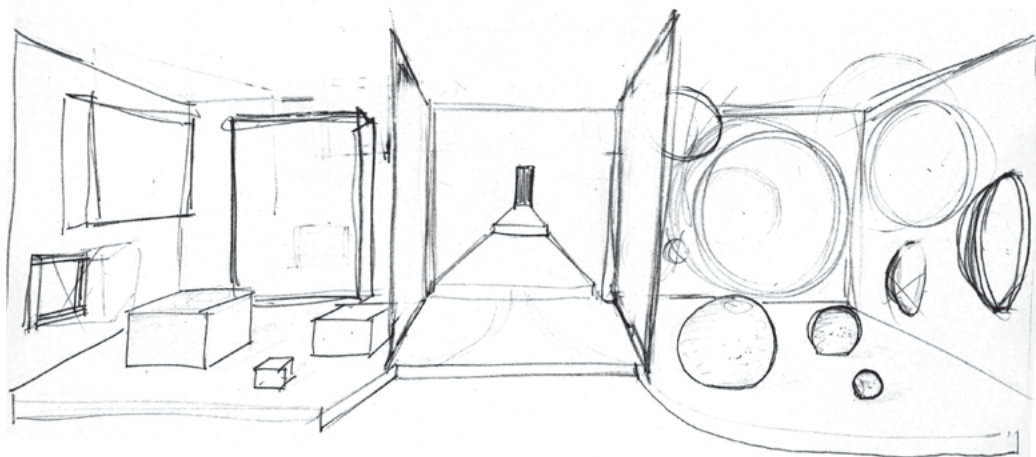
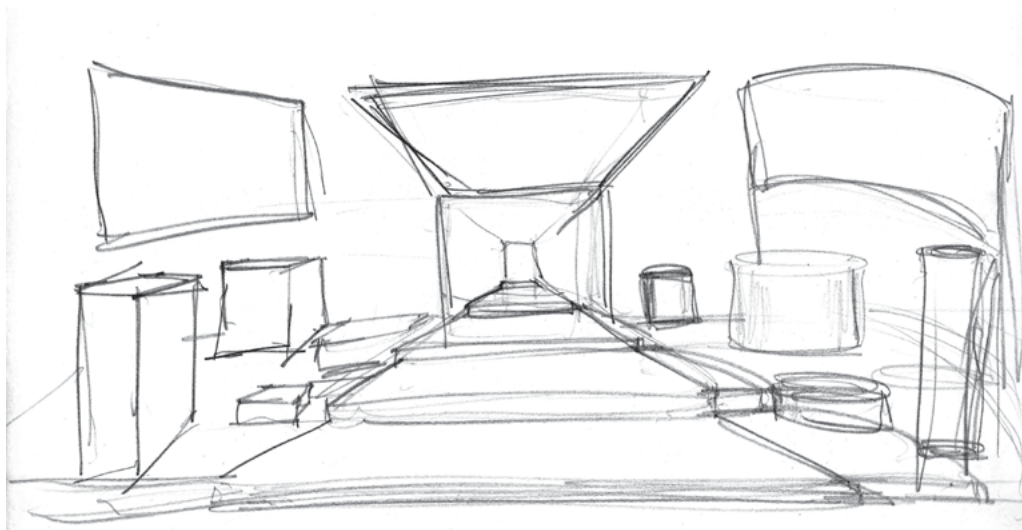
O Grande Prémio de Teatro Português, instituído em 1997 pela Sociedade Portuguesa de Autores e pelo Teatro Aberto, tem como objectivos principais o incentivo

da criação dramaturgica nacional, bem como a sua divulgação internacional. Esses objectivos têm sido atingidos não só com a edição dos textos e a sua estreia absoluta no Teatro Aberto, mas também com a sua apresentação em festivais e encontros internacionais de teatro. Da observação feita sobre o trabalho desenvolvido entre os autores vencedores e os encenadores que levaram os textos premiados à cena, os membros do júri sentem que este prémio tem contribuído para a criação de uma dramaturgia cada vez mais pujante e mais próxima da cena.

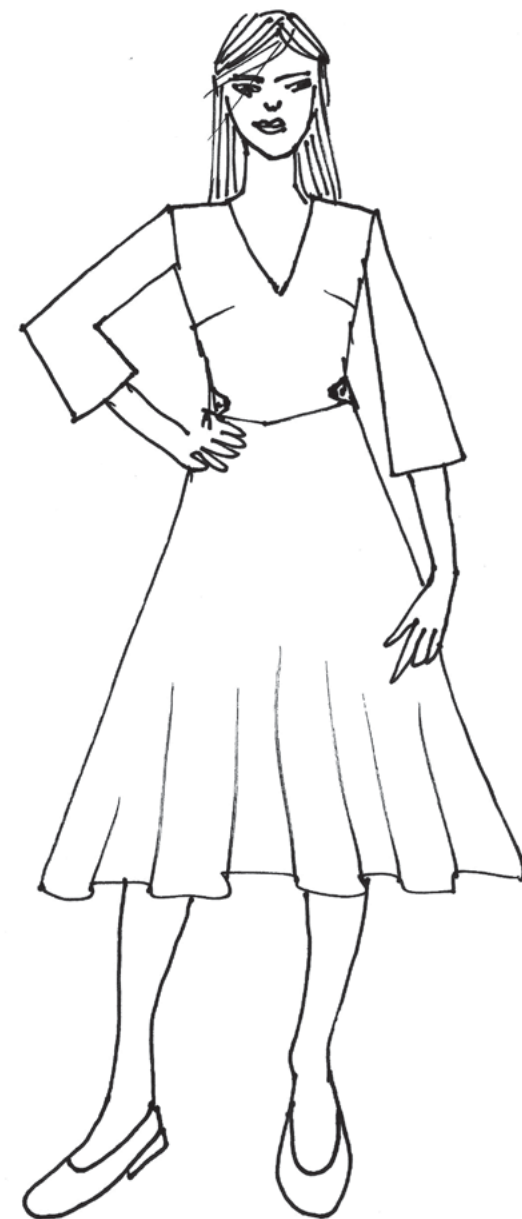
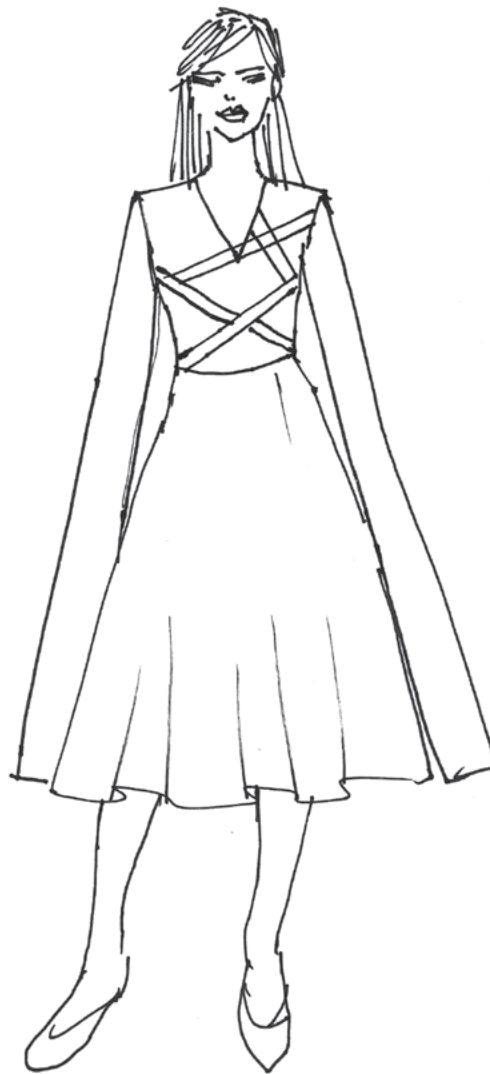
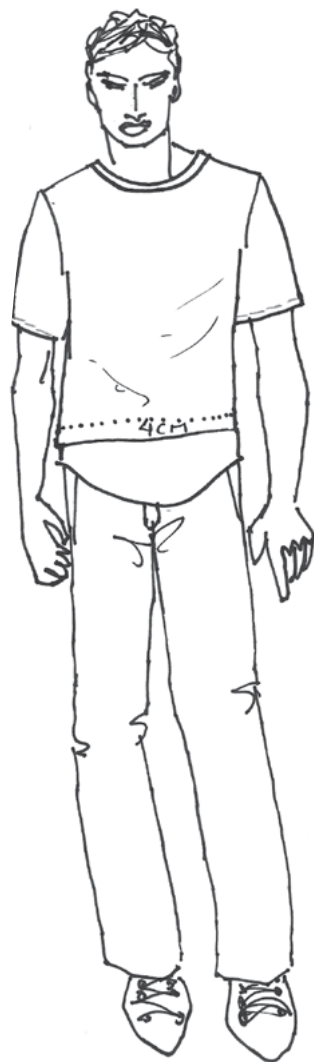
Tentativas de matar o amor, de Marta Figueiredo, é um texto singular, pleno de desafios formais, que entusiasmou o júri pela sua escrita poética, a sensibilidade, a incomplacência e também o humor com que apresenta as personagens e trata a problemática das relações humanas na contemporaneidade. Foi por estas razões que o júri o distinguiu com o Grande Prémio de Teatro 2015 e que agora endereça publicamente os seus parabéns à nova autora de teatro Marta Figueiredo!



CENÁRIO
ADELINO LOURENÇO



FIGURINOS
DINO ALVES





ADELINO LOURENÇO



ANA LOPES

ADELINO LOURENÇO**FORMAÇÃO**

Escola Profissional de Artes e Ofícios do Espectáculo (Chapitô) – Curso de ofícios do espectáculo (2000-2003); ESTC – Curso de Teatro, ramo Design de Cena (2003-2007); Diversas formações e workshops nas áreas de Som, Luz e Mecânica de Cena.

TEATRO

Cenógrafo e aderecista na peça *Sete Portas*, de Botho Strauss, encenada por António Pires, no ACARTE (Gulbenkian, 2001); cenografia, adereços, figurinos e maquilhagem em *Barca de Veneza Para Pádua*, de Banchieri, com encenação de Luca Aprea (Teatro Tabor, 2007); cenografia, figurinos e adereços no espectáculo *O Universo de Tim Burton*, encenado por Catarina Gonçalves CTJA, 2008; cenografia, luz e figurinos para *Viagem ao Mundo do Teatro*, encenado por Levi Martins (CTJA, 2014); cenografia, luz e figurinos em *Toda a Gente e Ninguém*, encenado por Levi Martins (Festival FDUL Experience 2014 e CTJA, 2016); cenografia, luz e figurinos em *Goodbye Maria Albertina*, encenado por Maria Mascarenhas (2016). É coordenador técnico no Cine-Teatro Joaquim d'Almeida, onde exerce funções desde 2008. É também director técnico da Companhia Mascarenhas-Martins desde a sua fundação.

TELEVISÃO

Estágio profissional como aderecista de SET na SP Filmes

OUTRAS EXPERIÊNCIAS

Figurista e aderecista na Vila Natal de Óbidos, 2007; design e operação de luz no LISBON TATTOO & ROCK FESTIVAL 2016 (MEO Arena); colaboração como designer de luz, figurista e bailarino na Companhia de Dança do Montijo do Conservatório Regional de Artes do Montijo.

ANA LOPES**FORMAÇÃO**

Licenciada pela Escola Superior de Teatro e Cinema (2011-2014), com a apresentação do trabalho final *Não consigo compreender comédias destas*, espectáculo encenado por João Mota e apresentado na sala Garrett do Teatro Nacional D. Maria II.

TEATRO

Em 2014, apresenta, enquanto actriz e co-autora, a peça *Caducado*, no 18º ciclo de Teatro Universitário da Beira Interior. Neste ano, participa numa animação publicitária, com encenação de José Carretas, na FIL e também na peça *Menos Emergências*, de Ricardo Neves, no Teatro Meridional. Em 2014, enquanto membro da Associação Cultural Auééu, participa no espectáculo *À Volta de Gil Vicente*, apresentado em escolas secundárias do Algarve. Em Julho de 2015, participa, como actriz, na micro curta metragem de promoção do concurso de MICRO curtas do Motel LX, em parceria com o canal MOV, numa realização de Nuno Gervásio. Em 2016, é estagiária, na qualidade de actriz, na peça *Ao Vivo e em Directo*, encenada por Fernando Heitor, no Teatro Aberto. Enquanto membro fundador da companhia *Caducado* – Associação Cultural, participa, como actriz, co-autora e co-encenadora na peça *Amor*, apresentada na Comuna – Teatro de Pesquisa (Fevereiro de 2017).

ANDRÉ REIS**FORMAÇÃO**

Licenciado em Design pelo IADE. Frequentou o Mestrado em Artes Musicais – Música e Tecnologia, na FCSH da Universidade Nova de Lisboa. Estudou Música Electroacústica, Sound Design e Especialização com Jaime Reis.

TEATRO

Em 2004, colaborou, como actor, com a Companhia de Teatro The Lisbon Players, na peça *Saturday Sunday Monday*.

MÚSICA

Em 2011, compôs a banda sonora e fez a sonoplastia da curta metragem *Reinventar-me*, realizada por Pedro Cardita. Leccionou Música na Escola Técnica Profissional da Moita. Em 2015/2016 actuou como músico em eventos da Celebrity/Royal Caribbean, compôs a música do espectáculo *Toda a Gente e Ninguém* e desempenhou o cargo de director musical do espectáculo *Goodbye Maria Albertina*, encenado por Maria Mascarenhas.

OUTRAS EXPERIÊNCIAS

Em 2010, colaborou, como coralista e designer com o Grupo Coral do Montijo e integrou a equipa do espectáculo *Da coroa ao cravo*. Em 2013/2014 estagiou no Cine-Teatro Joaquim d'Almeida, onde desenvolveu actividades em áreas técnicas e no serviço educativo.

CÉLIA CAEIRO**FORMAÇÃO**

Licenciada em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa e Mestrada em Comunicação e Gestão Cultural pela Universidade Católica Portuguesa.

TEATRO

Nesta área, estreia-se com o encenador Paulo Filipe, como assistente de encenação e produção do espectáculo *Abaixo da Cintura* (CCB – Lisboa, Teatro Viriato – Viseu e Teatro Académico Gil Vicente – Coimbra/2001). Ainda com aquele encenador fez a assistência de encenação e direcção de cena na peça *Rastos* (Teatro Aberto, Lisboa, 2002). Em 2003 e 2004, colabora com o Teatro Aberto, onde assiste a encenação e faz a direcção de cena da ópera *Le Vin Herbé*, encenada por Luís Miguel Cintra; faz também a assistência de palco na peça *A Forma das Coisas*, encenada por João Lourenço. Desde 2008 faz parte da equipa permanente do Teatro Aberto, coordenando as áreas da produção e do marketing.

OUTRAS EXPERIÊNCIAS

Em 2002 colabora com a NBP no arranque da Escola de Actores desta produtora, a Oficinas. Em 2003 entra para a L'Agence – Agência de Modelos e Produção, com o objectivo de criar e coordenar um departamento de agenciamento de actores, l'Agence Talents, projecto ao qual fica ligada até 2006. Neste ano, integra a equipa Scriptmakers, empresa de produção de conteúdos, na qual desempenha funções de marketing, comunicação, contabilidade e gestão, até 2008.



ANDRÉ REIS



CÉLIA CAEIRO



CLEIA ALMEIDA

CLEIA ALMEIDA**FORMAÇÃO**

Erasmus na RESAD, Madrid; Formação de Actores na Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa; Curso de Iniciação à Arte de Representar na Companhia de Teatro Bonifrates.

TEATRO

Profundo, de José Ignácio Cabrujas, Teatro Escola da Noite, Coimbra (2005); *Noite de Amores Efêmeros*, de Paloma Pedrero, Escola da Noite, Coimbra (2010); *A Cacatua Verde*, de Arthur Schnitzler, com encenação de Luís Miguel Cintra, Teatro da Cornucópia (2011); *Fingido e Verdadeiro*, a partir de Lope de Vega, com encenação de Luís Miguel Cintra (2012); *Cada Sopra*, de Benedict Andrews, com encenação de John Romão (2013); *Consegues ver os teus pés?*, ideia original de Cleia Almeida e Flávia Gusmão, com encenação de Martim Pedroso (2014); *Ensaio para o Ginjal*, de Anton Tchecov, Teatro da Cornucópia (2016).

CINEMA

Respirar debaixo d'água, de António Ferreira; *Esquece tudo o que te disse*, de António Ferreira; *Noite Escura*, de João Canijo; *Love Birds*, de Bruno de Almeida; *Águas Mil*, de Ivo Ferreira; *Mistérios de Lisboa*, de Raul Ruiz; *Sangue do meu sangue*, de João Canijo; *O Fantasma do Novais*, de Margarida Gil; *Assim Assim*, de Sérgio Graciano; *Fátima*, de João Canijo.

TELEVISÃO

Vila Faia, SP, RTP; *Liberdade 21*, RTP; *Maternidade II*, SP, RTP; *Dancin'Days*, SP, SIC; *Sol de Inverno*, SP, SIC; *Amor Maior*, SP, SIC.

OUTRAS EXPERIÊNCIAS

Filme publicitário USO. Locuções e dobragens: BragaShopping, TMN, Nespresso, *Madagáscar 3* e *A Vida Secreta dos Nossos Bichos*.



DINO ALVES

DINO ALVES**FORMAÇÃO**

Escola Superior Artística do Porto - vertente Pintura; Curso de Fotografia no INEF.

MODA

Fez a sua primeira apresentação nas *Manobras de Maio/1994*. Após a criação da mise-en-scène para quatro desfiles de Ana Salazar, inicia as suas apresentações na Moda Lisboa. Participou em muitos e diversos eventos de moda em Portugal e no estrangeiro. É colaborador, como *stylist*, em revistas, marcas, programas de televisão e campanhas publicitárias.

TEATRO

Criou figurinos para teatro com os encenadores João Grosso, Maria Emília Correia, Fernando Heitor, João Lourenço, António Pires, Fernando Gomes, Joaquim Monchique, Manuel Coelho e Marta Dias. Enquanto figurinista, colabora regularmente com o Teatro Aberto, onde criou os figurinos das peças *Vermelho*, *Há muitas razões para uma pessoa querer ser bonita*, *O Preço*, *As Reposas*, *Constelações* e *O Pai*, encenadas por João Lourenço, *Vénus de Vison* e *Boas Pessoas*, encenadas por Marta Dias e *Ao Vivo e em Directo*, encenada por Fernando Heitor. Criou também os figurinos de *Cabaret Alemão* e *Cimbelino*, encenadas por António Pires (Teatro do Bairro, 2014/2015).

DANÇA

Criou figurinos para vários espectáculos, nomeadamente, com o coreógrafo Rui Lopes Graça.

TELEVISÃO

Programas *Estado de Graça* (RTP, 2012), *Nelo e Idália* e *DDT* (RTP, 2015). Criou, por várias vezes, a imagem dos intérpretes do Festival RTP da Canção.

EDUARDO BREDÁ**FORMAÇÃO**

Em 2008 concluiu a formação de três anos no curso de Interpretação da Academia Contemporânea do Espectáculo (Porto); em 2012, terminou a Licenciatura na Escola Superior de Teatro e Cinema, em Lisboa, no curso de Teatro, ramo actores.

TEATRO

Como actor, participou nos seguintes espectáculos: *A Morte de Um Caixeiro Viajante* (encenação de Gonçalo Amorim, 2010); *Longa Jornada para a Noite* (encenação de Nuno Cardoso, 2010); *Felizmente Há Luar!* (encenação de Cláudio Silva, 2011); *Santa Joana dos Matadouros* (encenação de Bernard Sobel, 2011); *Pleasure Gardens*, de André Guedes (2011); *Lugar Comum*, criação colectiva (2012); *O Mercado de Veneza* (encenação de Ricardo Pais, 2012); *À Vossa Vontade* e *Um Inimigo do Povo*, espectáculos encenados por Álvaro Correia (2013); *Cyrano de Bergerac* (encenação de Bruno Bravo, 2014); *EDIT* (encenação de Francisco Campos, 2015); *A Inquietude* (encenação de Francis Seleck, 2016)

OUTRAS EXPERIÊNCIAS

Em 2014 recebe uma bolsa do Centro Nacional de Cultura para realizar e produzir o seu primeiro documentário intitulado *O Retrato*. Seguiu-se, *Boa Alma* (2015) e, desde então, tem realizado documentários sobre processos de criação de várias companhias de teatro. Em 2016, estreia a sua primeira curta-metragem ficcional *Partners In Crime*. Foi também responsável pela criação e organização do ciclo Filmes com Teatro que teve lugar em Lisboa, no Porto e em Montemor-o-Novo.

EURICO LOPES**FORMAÇÃO**

Iniciou a sua formação teatral em 1988 com Filipe Crawford, na Fundação Calouste Gulbenkian. Estagiou com Polina Klimovitskaya, Rossela Terranova e Daniel Stein. No Teatro Nacional D. Maria II, estagiou com Antunes Filho. Trabalhou com Ariane Mnouchkine no Théâtre du Soleil, em Paris e com Ferruccio Soleri no Teatro Olímpico de Vicenza em Itália. Fez técnica de Meisner com John Frey, em Lisboa. Desde 2008 frequenta regularmente o Método com Márcia Haufrecht, em Lisboa, e Seminários Profissionais com Juan Carlos Corazza, em Madrid.

TEATRO

Foi co-fundador do Grupo de Teatro Meia Preta. Ao longo da sua carreira, participou em mais de trinta espectáculos, tendo sido dirigido por encenadores como Fernando Heitor, Berta Teixeira, Bibi Perestrelo, Gastão Cruz, Tiago R. Santos, João Lourenço, Vicente Alves do Ó, Carlos Avilez, Maria Emília Correia, António Pires e Helena Pimenta, entre outros.

CINEMA

Participou em filmes dirigidos por realizadores como João Botelho, Thomas Vincent, Dennis Berry, Teresa Lampreia, Carlos Coelho da Silva, Cláudia Clemente e Johan Schelshout, entre outros.

TELEVISÃO

Integrou os elencos de mais de trinta e cinco produções, nomeadamente, telenovelas, séries e filmes.

OUTRAS EXPERIÊNCIAS

Sendo licenciado em Arquitectura, nas suas passagens por teatros tão relevantes como o Teatro Nacional D. Maria II, o Teatro da Trindade, o Teatro São Luiz, o CCB, o Teatro Nacional de São João e o Teatro Aberto, entre outros, para além do trabalho de actor, também se dedicou à criação de espaços cénicos em mais de vinte espectáculos de teatro.



EDUARDO BREDÁ



EURICO LOPES



LEVI MARTINS



MARIA MASCARENHAS



TOMÁS ALVES

LEVI MARTINS**FORMAÇÃO**

Licenciatura em Cinema, ramo de Realização (ESTC). Mestrado em Estudos de Teatro (FLUL).

TEATRO

Estreou-se no teatro em espectáculos do Fatias de Cá com encenação de Carlos Carvalheiro. Estagiou no Cine-Teatro Joaquim d'Almeida. Entre 2014 e 2015 integrou a equipa da Companhia de Teatro de Almada. Fundou a Companhia Mascarenhas-Martins com Maria Mascarenhas e Adelino Lourenço. Em 2014 dirigiu uma visita encenada ao CTJA que incluía uma adaptação d'*O Velho da Horta* de Gil Vicente. No mesmo ano escreveu e encenou *Toda a Gente e Ninguém*, criação inserida no Festival FDUL Experience. Em 2016 encenou uma nova versão do mesmo texto no espectáculo de estreia da Companhia Mascarenhas-Martins. Dirigiu a produção e participou como músico em *Goodbye Maria Albertina* (2016). Foi assistente de cinema de João Brites em *Almenara* (O Bando, 2016)

CINEMA E TELEVISÃO

Realizou os documentários *Um Ser Literário* (2011), *As Partes e o Todo* (2013), *Cortar a Rua Para Abrir Caminho* (2014), *Revisitar Montijo* (2016) e um segmento de *Um Filme Português* (2011). Trabalhou como assistente de realização, montador e director de som em cinema e audiovisual, com destaque para *O Tempo e o Modo*, de Graça Castanheira (2011).

OUTRAS EXPERIÊNCIAS

Começou o seu percurso artístico na música, tendo assinado até agora quatro álbuns de originais. No ano lectivo 2016/2017 foi, pela primeira vez, assistente de Luís Fonseca na ESTC, na cadeira Interpretação IV.

MARIA MASCARENHAS**FORMAÇÃO**

Licenciada em Teatro, ramo de Actores (ESTC).

TEATRO

Integra a Companhia de Actores (2006), na qual fez parte do elenco de *Natal Perlimpimpim*, *Espírito da Poesia*, *Fiat Lux* e *Com os Pés no Chão*. Trabalhou em produção no festival Verão no Parque e na MITO. Foi assistente de encenação em *Navalha na Carne*, de Nelson Rodrigues, com encenação de António Terra (2008), e *ONNI*, com encenação de John Mowat (2010). Participou como actriz na *Viagem ao Mundo do Teatro* (2014, CTJA), e nas duas versões de *Toda a Gente e Ninguém* (2014 e 2016), com encenação de Levi Martins. Encenou *Goodbye Maria Albertina* (2016). Deu aulas de teatro no Montijo (2014 a 2016), tendo escrito e dirigido as apresentações finais *#mariaadelaide*, *4 raparigas à procura de 1 texto, 2 horas por semana de trabalho ou 3840 minutos a ver as coisas de outra maneira* e *Eu*. Fundou a Companhia Mascarenhas-Martins com Levi Martins e Adelino Lourenço em 2015.

OUTRAS EXPERIÊNCIAS

Dirigiu O Grupo com Helder Silva, criando projectos de teatro e cinema para crianças e adolescentes, com o apoio da Junta de Freguesia de Carnaxide e do programa Juventude em Acção. Integrou o projecto Success, do sociólogo Christophe Bertossi, dedicado a debater a multiculturalidade em Portugal, França, Inglaterra e Itália (2011 e 2012). Co-realizou vários vídeos científicos e telediscos com Levi Martins. Foi responsável pelo som e pela montagem do documentário *Revisitar Montijo* (2015).

TOMÁS ALVES**FORMAÇÃO**

Curso de Interpretação na Escola Profissional de Teatro de Cascais (2004/2007).

TEATRO

Trabalhou com os encenadores Carlos Avilez, José Henrique Neto, Miguel Graça e João Lourenço.

CINEMA

É protagonista do filme *Um Amor de Perdição*, de Mário Barroso (Globo d'Ouro - Melhor filme de 2010). Trabalhou também com outros realizadores, nomeadamente, Leandro Ferreira, Sérgio Graciano e Possidónio Cachapa.

TELEVISÃO

Integrou o elenco de várias produções como *Rebelde Way*, *Lua Vermelha*, *Laços de Sangue*, *Rosa Fogo*, *Maternidade* e *Filha da Lei*, entre outras.

OUTRAS EXPERIÊNCIAS

Para além do seu trabalho, enquanto actor, no teatro, no cinema e na televisão, também se dedica à música, em vários projectos, com destaque para os "Katharsis", banda de músicas do mundo com influências e sonoridades variadas. O seu projecto musical mais recente é "Wooden Arm Tree", no qual colabora como compositor e intérprete.



CONTACTOS

TEATRO ABERTO
NOVO GRUPO DE TEATRO, C.R.L.
Praça de Espanha
1050-107 Lisboa
Portugal
Tel. +351 213 880 086
Fax. +351 213 880 079
relacoespublicas@teatroaberto.com

BILHETEIRA

TEATRO ABERTO
quarta a sábado 14h às 22h
domingo 14h às 19h
reservas 213 880 089
(até 1 hora antes do início do espectáculo)
bilheteira@teatroaberto.com
(até às 19h do dia do espectáculo)

OUTROS LOCAIS DE VENDA

FNAC | ABEP | CTT | El Corte Inglés www.bol.pt

PREÇOS

normal	15.00€
jovem (até 25 anos)	7.50€
sênior (mais de 65 anos)	12.00€
grupos (+ de 20 pessoas)	
quartas e quintas	10.50€
grupos (+ de 20 pessoas)	
sextas, sábados e domingos	12.00€
cartão de espectador	10.50€

ACESSOS

AUTOCARROS

16 | 726 | 746 | 56

METRO [linha azul]

Praça de Espanha

São Sebastião

AUTOCARROS TST [Margem sul]

Praça de Espanha

OUTROS AUTOCARROS [outras proveniências] Sete Rios

COMBOIO [Linha Sintra ou Linha Azambuja] Sete Rios
Entrecampos

EQUIPA

Direcção Artística

João Lourenço

Direcção da Cooperativa

Célia Caeiro
Francisco Pestana
Irene Cruz
Melim Teixeira

Direcção Musical

João Paulo Santos

Dramaturgia

Programação

Vera San Payo de Lemos

Direcção de Produção e Marketing

Célia Caeiro

Direcção de Cenografia

António Casimiro

Encenadora Residente

Coordenação do Programa Educativo

Direcção de Cena

Marta Dias

Design

Mónica Lameiro

Assessoria Técnica e de Produção

Melim Teixeira

Acessoria de Comunicação

Francisco Pestana

Carpintaria

Maquinaria de Cena

Chefe Maquinista

Miguel Verdades

Maquinistas

Joaquim Alinho

Manuel Gamito

Luz, Som e Vídeo

Alberto Carvalho

Bruno Dias

Marcos Verdades

Adereços

Assistência de Palco

Marisa Fernandes

Guarda-Roupa

Irene Cabral

Serviços Administrativos e Financeiros

Sara Francisco

Bilheteira

Relações Públicas

Apoio ao Programa Educativo

Ana Rita Mascarenhas

Marta Caria

Frente de Casa

César Miranda

Francisco Jorge

Jonas Lima

Rui Valentim

Limpeza

I.S.S.

Recepção

Fátima dos Santos

Segurança

Securitas

TENTATIVAS PARA MATAR O AMOR

HORÁRIO

quarta a sábado 21h30
domingo – matinée 16h00

DURAÇÃO

1h20 sem intervalo

classificação

M/12

ESTREIA

SALA VERMELHA
Março 2017



ESTRUTURA FINANCIADA POR

